

## AS CRIAÇÕES LEXICAIS NOS POEMAS ERÓTICOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Elis de Almeida Cardoso (USP)

### Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar, na poesia de Carlos Drummond de Andrade, quais os efeitos estilísticos obtidos com a criação de novas lexias para caracterizar o erotismo presente em “O amor natural”. Escrito em meados dos anos 70, “O amor natural” só foi publicado em 1992, após a morte do poeta. Pode-se dizer que a obra póstuma revela mais uma das muitas faces desse grande poeta-criador: o erotismo.

Nos quarenta poemas que compõem a obra, o amor carnal é visto pelo poeta de uma maneira totalmente natural, como o título avisa. O amor, para ele “palavra essencial”, só se manifesta em sua amplitude pelo sexo. É por meio do sexo que se pode atingir a plenitude da existência; voltar à origem primitiva; atingir a paz eterna, o repouso merecido, o sagrado, o céu infinito; vencer a morte. O coito é, nas palavras do poeta, “morte de tão vida”.

A ligação entre amor e sexo é mostrada de várias maneiras: pelo desejo incitado com a negação do sexo (“A moça mostrava a coxa”); pelo sexo genital (“O que se passa na cama”); pelo sexo oral (“A língua lambe”); pelo sexo anal (“A outra porta do prazer”); pela masturbação (“À meia-noite, pelo telefone”); pelas lembranças do sexo que causam prazer (“No pequeno museu sentimental”).

Sobre os poemas eróticos, disse, em entrevista, o poeta:

São poemas eróticos, que eu tenho guardado, porque há no Brasil – não sei se no mundo –, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia. E eu não gostaria que os meus poemas fossem rotulados de pornográficos. Pelo contrário, eles procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavrão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. É uma coisa de certa elevação. (BARBOSA, 1987, p. 8).

Drummond opta por palavras eróticas, mas não pornográficas. Palavrões não aparecem na obra. Essa forma de se referir ao erotismo faz Achcar (2000, p.111) afirmar que em “O amor natural” há “grandes poemas”, “cuja finura faz com que esqueçamos todas as grosserias que cercam o assunto, desde velhos tempos romanos”.

Para Preti (1984, p.61),

...se é muito grande, de fato, a ligação entre léxico e costumes, muito maior se torna, quando se refere a certos vocabulários, como, por exemplo, aqueles que representam o ato sexual e as práticas eróticas, porque os juízos da sociedade sobre eles se transferem também para o léxico. Para nós, este passa a ser encarado como uma autêntica “linguagem proibida”. E, nessa denominação não vemos apenas o fenômeno do tabu linguístico, mas também o problema sociolinguístico dos vocabulários cujo uso depende das conveniências e de um *prestígio* de natureza social que os termos possuem, em função da classe dos falantes que os usam e da *situação*.

A “linguagem proibida”, mencionada por Preti (1984, p.61), é utilizada por Drummond de uma forma absolutamente sutil. Para se referir aos genitais masculinos e femininos o poeta utiliza unidades lexicais como *membro*, *pênis*, *vulva*, *clitóris*, *vagina*. Encontram-se nos poemas outras unidades que se referem ao corpo: *coxas*, *nádegas*, *bunda*, *lábios*, *unhas*, *boca*, *pêlos*, *seios*, *ânus*. Muitas vezes o poeta prefere as metáforas, sobretudo para se referir ao órgão sexual feminino: *crespo jardim*, *flora pubescente*, *pétalas vermelhas da rosa*, *gruta cabeluda*, *abismos lexicais*, *caracóis perfumados*, *flora brava*.

Além das unidades lexicais atestadas, encontram-se na obra unidades neológicas tais como *elaeu*, *bundamor*, *lambilonga*, *lenta-lambente-lambilusamente*, *arquibunda*, *boquilíngua*, *matar-morrer*, *abre-que-fecha-que-foge*. Na visão de Affonso Romano de Santana (1992, p. 79) “as palavras às vezes copulam semanticamente”. É o caso da aglutinação *eleu*.

Pode-se afirmar que os poemas eróticos apresentam um léxico bastante peculiar e, aqui, pretende-se abordar, do ponto de vista da Estilística léxica o efeito expressivo gerado por algumas das criações lexicais.

## 1. A Estilística léxica

Um dos objetivos da Estilística é indicar como se processa a escolha feita pelo enunciador, dentre os elementos linguísticos disponíveis, verificando de que maneira tal escolha determina efeitos estéticos e de expressividade e acenando para uma possível intenção do enunciador a partir de seu estilo.

Por trás de todo ato de comunicação existe algo mais do que simplesmente transmitir uma mensagem. Mesmo que o texto seja puramente referencial, objetivo, ele carrega consigo um aspecto intencional, seja um desejo de impressionar o destinatário, seja um desejo de marcar uma posição.

A Estilística léxica, por sua vez, ocupa-se com a expressividade obtida com as palavras, seja por sua flexão, sua formação, sua classificação ou pelo seu significado no contexto, focalizando os aspectos expressivos ligados aos componentes semânticos e gramaticais das palavras.

Para Vilela (1994), o significado das palavras está relacionado com aquilo que elas representam, ou seja, com o universo de objetos, de entidades, de propriedades, de situações, de eventos, de ações, de processos e de estados que elas verbalizam. Utilizando o material linguístico de que dispõe, o enunciador faz, então, uma escolha que varia de acordo com o tipo de texto, com o tipo de público, com a situação da enunciação.

Em relação às escolhas lexicais no discurso literário, afirma Teles (1976:91):

No momento em que o escritor opta por uma palavra ou frase, está praticando, ainda que inconscientemente, uma operação estilística, pois está se desviando da linguagem comum e, ao mesmo tempo, procurando imprimir nela a sua marca, a sua particular maneira de exprimi-la. E quando esta escolha é intencional e justificada não só pela obtenção do maior efeito como também por uma imposição do ato criador, o seu uso como traço caracterizador do estilo assume por certo um valor que ultrapassa a simples função comunicativa, para transformar-se num agente ampliador do conteúdo poético. A função linguística se transforma em função retórica, vale dizer, em função poética.

Tomando como base a definição de estilo de Guiraud (1975), pode-se afirmar que por trás de uma escolha existe sempre uma intenção e, dependendo de sua intenção, o autor do texto pode criar um ou outro efeito de sentido. Assim, pode-se dizer que as lexias, ao se manifestarem no discurso concretamente realizado, apresentam um significado exclusivo daquela situação de discurso e de enunciação.

## 2. As criações lexicais estilísticas

As criações lexicais estilísticas, presentes, sobretudo, no texto literário, são, na maioria das vezes, resultado da criatividade lexical do autor, que, conhecendo a língua, tem a capacidade de brincar com as unidades lexicais e criar novas unidades não atestadas.

Utilizando os processos comuns de formação de palavras, tais como a derivação prefixal e sufixal e a composição, o poeta chama a atenção do leitor pela originalidade com que une unidades lexicais a outras unidades lexicais, ou unidades infralexicais a unidades lexicais e, principalmente, pelo efeito de sentido que essas criações trazem ao contexto em que se inserem. A expressividade das criações lexicais estilísticas é gerada pelo choque da novidade, associado ao estranhamento do leitor frente à nova construção lexical.

A neologia estilística, apontada por Guilbert (1975), baseia-se na expressividade da própria palavra ou da frase, não com o objetivo de mostrar idéias originais de uma maneira totalmente nova, mas de exprimir de uma maneira inédita uma visão pessoal do mundo. Trata-se da forma de criação poética pela qual se pode fabricar uma nova lexia ou dar a uma lexia já formada uma significação diferente do sentido amplo e conhecido. Essa forma de criação está ligada à originalidade de expressão do indivíduo criador, à sua facilidade para criar, à sua liberdade de expressão, deixando de lado os modelos conhecidos ou até mesmo indo contra eles.

Quando se fala em criação lexical e processos de formação de neologismos, pensa-se ou nas unidades que vêm enriquecer a língua geral (ou comum), ou ainda nas pertencentes às línguas de especialidade. Entretanto, os neologismos que surgem como resultado de uma necessidade de expressão pessoal merecem especial atenção por serem expressivos e resultantes da criatividade lexical artística.

Seguindo os postulados teóricos de Guilbert (1975) e Cressot (1976), objetiva-se, então, compreender como as unidades lexicais atualizadas nos textos eróticos atendem às necessidades expressivas e à intenção do enunciador, mostrando sua visão de mundo.

Em “O amor natural”, além das escolhas de unidades lexicais que compõem o campo léxico-semântico do erotismo, Drummond, um criador de palavras, cria neologismos estilísticos que aparecem em vários poemas. Utilizando ora a sonoridade das palavras, ora sua constituição semântica, o poeta consegue criar novas unidades lexicais, enfocando o erotismo, que surgem como resultado de uma necessidade de expressão pessoal e merecem especial atenção por serem expressivas e resultantes da criatividade lexical artística.

### 3. Criações lexicais nos poemas eróticos

Drummond é um poeta considerado pela crítica por sua facilidade de lidar com as palavras e expor seus pensamentos, suas críticas, seus amores, suas (des)ilusões. Trata-se, entretanto, de um poeta-criador. Um poeta que trabalha com as palavras e, criando-as ou recriando-as, enriquece seu texto com um estilo próprio e pessoal.

Haroldo de Campos (1992, p. 49-50), em seu artigo *Drummond, mestre de coisas*, publicado originalmente em *O Estado de São Paulo* de 27.10.1962, com o objetivo de anunciar as mais novas publicações do autor (*Lição de coisas e Antologia poética*), afirma:

Drummond é antes de mais nada um *maker*, ‘um inventor’ (nele ‘tudo é palavra’, já observou Décio Pignatari), e, por isso mesmo, há nele essa capacidade rara de transferir mesmo as efemérides mais íntimas para o horizonte do fazer, de celebrá-las não em ‘festa’, mas em criação, na ‘luta corpo-a-corpo com a palavra’, que deve ser, aliás, em poetas como ele, o secreto exercício para a perene juventude do espírito.

Montando ou desarticulando palavras, incorporando o visual, fragmentando a sintaxe, Drummond é mestre.

O próprio poeta enxerga-se como um “lutador”, aquele que sabe das dificuldades de se lutar com as palavras, mas não abandona nunca essa árdua tarefa;

Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco.  
.....  
Palavra, palavra  
(digo exasperado)  
se me desafia,  
aceito o combate.<sup>3</sup>

Além disso, sabe de sua possibilidade de aprender palavras, ou criá-las e enriquecer as já existentes, dando-lhes expressividade: “Aprendi novas palavras/ e tornei outras mais belas”<sup>4</sup>

As palavras têm “faces secretas” e guardam um segredo. O poeta tem a chave desse segredo:

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?<sup>5</sup>

Suas criações lexicais, suas montagens, suas desmontagens, suas brincadeiras com as palavras e com a língua aparecem em toda sua obra poética e são encontradas também em “O amor natural”. Frente a esse

<sup>3</sup> *O lutador*

<sup>4</sup> *Canção amiga*

<sup>5</sup> *Procura da poesia*

material linguístico e estilístico, pretende-se verificar quais os processos de formação das unidades lexicais associadas ao universo do erotismo e qual o efeito estilístico de suas criações nos poemas eróticos. Destacamos as criações neológicas com o objetivo de mostrar que o amor natural, carnal, é também, na visão do poeta, lúdico. Os corpos se entrelaçam, assim como as palavras, que se unem para formar uma só.

Para análise, foram selecionados três poemas em que se percebem criações lexicais estilísticas. São eles: “A língua girava no céu da boca”, “A língua lambe” e “Bundamel bundalis bundacor bundamor”.

Destacam-se as formações: *elaeu*, *eleu* (“A língua girava no céu da boca”), *pluriaberta*, *lambilonga*, *lambilenta*, *licorina*, *lambente* (“A língua lambe”), *bundamel*, *bundalis*, *bundacor*, *bundamor*, *bundalei*, *bundador*, *bundanil*, *bundapão*, *bundarrabil*, *bundaril*, *bundilim*, *bunditálix*, *bundífoda*, *pluribunda*, *unibunda*, *arquibunda*, *girabundo* (“Bundamel bundalis bundacor bundamor”).

### A língua girava no céu da boca

A língua girava no céu da boca. Girava! Eram duas bocas, no céu único.

O sexo desprendera-se de sua fundação, errante imprimia-nos seus traços de cobre. Eu, ela, *elaeu*.

Os dois movíamos possuídos, trespassados, *eleu*. A posse não resultava de ação e doação, nem nos somava. Consumia-nos em piscina de aniquilamento. Soltos, fálus e vulva no espaço cristalino, vulva e fálus em fogo, em núpcia, emancipados de nós.

A custo nossos corpos, içados do gelatinoso jazigo, se restituíram à consciência. O sexo reintegrou-se. A vida repontou: a vida menor.

No poema “A língua girava no céu da boca”, o processo de junção de “fálus e vulva no espaço cristalino” é mostrado pela aproximação das palavras *ela* e *eu*. Os pronomes aparecem primeiramente separados (*Eu, ela*), em seguida há a justaposição (*elaeu*) e por fim a aglutinação (*eleu*). A fusão dos corpos e o ato sexual são expressos na cópula das palavras: *eu, ela* → *elaeu* → *eleu*

### A língua lambe

A língua lambe as pétalas vermelhas da rosa *pluriaberta*; a língua lavra certo oculto botão, e vai tecendo lépidas variações de leves ritmos.

E lambe, *lambilonga*, *lambilenta*, a *licorina* gruta cabeluda, e, quanto mais *lambente*, mais ativa, atinge o céu do céu, entre gemidos,

entre gritos, balidos e rugidos de leões na floresta, enfurecidos.

Os adjetivos não atestados *lambente*, *lambilonga* e *lambilenta* referem-se à *língua*.

- *lambente*: adjetivo de verbal (*lamber*) formado por derivação sufixal (-nte).
- *lambilonga* é um adjetivo formado pela aglutinação entre *lamber* (verbo) e *longa* (longamente: advérbio). Pode-se dizer também que *longa* é um adjetivo que se aglutina ao verbo *lamber*. A língua, que é longa.
- *lambilenta* é um adjetivo formado pela aglutinação entre *lamber* (verbo) e *lenta* (advérbio). Pode-se dizer também que *lenta* é um adjetivo que se aglutina ao verbo *lamber*. A língua, lenta, lambe. O adjetivo *lambilenta* poderia também ser analisado como uma derivação sufixal com o sufixo *-ento* (*suculento*, *sangrento*), formador de adjetivos intensificados, com idéia de abundância. A ação de *lamber* é intensa.

A idéia de ação é mostrada claramente com a criação do adjetivo *lambente*. *Lambilonga* e *lambilenta* mostram bem os movimentos da língua. O volume das palavras e a sonoridade (provocada pela aliteração do fonema /l/) são responsáveis por produzir o efeito de sentido desejado: a ação da língua longa é inicialmente calma, mas repetitiva e ininterrupta.

O mesmo efeito é visualizado na composição *lenta-lambente-lambilusamente*<sup>6</sup> que se refere ao ato da “mimosa boca errante”, a boca da mulher a quem “apraz colher o fruto em fogo”.

Os adjetivos *licorina* e *pluriaberta* referem-se a *rosa* e *gruta*, metáforas para o órgão sexual feminino.

- *pluriaberta*: composição entre a base presa *pluri* e o adjetivo participial *aberta*. Remete à forma da *rosa*. A base *pluri-* é responsável pela intensificação. Os movimentos lentos da língua vão despertando o desejo da mulher que se abre intensamente para o sexo oral.
- *licorina*: adjetivo denominal formado por sufixação (*licor* + *-ino*). Rompimento do bloqueio lexical (*licorosa*) com a manutenção do significado (que tem as características de licor, sobretudo a consistência espessa e açucarada) Remete à sensação gustativo-tátil (doce e molhado).

### **Bundamel bundalis bundacor bundamor**

Bundamel bundalis bundacor bundamor  
bundalei bundalor bundanil bundapão  
bunda de mil versões, pluribunda unibunda  
    bunda em flor, bunda em al  
    bunda lunar e sol  
bundarrabil

Bunda maga e plural, bunda além do irreal  
arquibunda selada em pauta de hermetismo  
    opalescente bun  
    incandescente bun  
meigo favo escondido em tufos tenebrosos  
a que não chega o enxofre da lascívia  
e onde  
a global palidez de zonas hiperbóreas  
concentra a música incessante  
do girabundo cósmico.  
Bundaril bundilim bunda mais do que bunda  
bunda mutante/renovante  
que ao número acrescenta uma nova harmonia.  
Vai seguindo e cantando e envolvendo de espasmo  
o arco de triunfo, a ponte de suspiros  
a torre de suicídio, a morte do Arpoador  
    bunditálix, bundífoda  
bundamor bundamor bundamor bundamor.

Ao criar vários substantivos por composição, o poeta aproveita a sonoridade da palavra *bunda*, utilizada como primeiro elemento do composto, e acrescenta a ela uma qualidade, caracterização obtida pelo segundo elemento do composto.

Seu maior objetivo é, por meio da criação lexical, mostrar que a bunda tem “mil versões”, é “plural”. Ela é *pluribunda*, tem múltiplas interpretações mesmo sendo única (*unibunda*). Ela é mais do que tudo: é *arquibunda*.

Nessas três formações, o poeta une à palavra *bunda* os elementos de composição *pluri-*, *uni-* e *arqui-*, que têm quase um valor prefixal, uma vez que atribuem à bunda a idéia de unidade, pluralidade (quantidade) e superioridade.

Nas formações a seguir, o poeta, por meio da composição, une *bunda* a outros substantivos (*mel*, *lis*, *cor*, *alor*, *arrabil*, *lei*, *pão*, *amor* e *foda*). Em *bundanil*, a composição se dá com a combinação substantivo + adjetivo.

Poderíamos interpretar as composições da seguinte maneira:

A bunda é doce e meiga: *bundamel* (*bunda* + *mel*)

A bunda é uma flor, um lírio: *bundalis* (*bunda* + *lis*)

A bunda tem cor, e a cor é de anil: *bundacor*, *bundanil* (*bunda* + *cor*, *bunda* + *anil*)

A bunda tem movimento, alor: *bundalor* (*bunda* + *alor*)

<sup>6</sup> A composição aparece no poema *Mimosa boca errante*.

A bunda é um instrumento musical que pode ser tocado, arrabil: *bundarrabil* (*bunda* + *arrabil*)

A bunda deve ser respeitada, é lei: *bundalei* (*bunda* + *lei*)

A bunda é alimento para o corpo: *bundapão* (*bunda* + *pão*)

A bunda é alimento para a alma: *bundamor* (*bunda* + *amor*)

A bunda está presente no sexo, na cópula: *bundífoda* (*bunda* + *foda*). A formação da proparoxítona ameniza a presença do baixo calão.

Na formação *budarrabil*, além de se pensar na junção de *bunda* a *arrabil*, instrumento musical de origem árabe, pode-se pensar também na união de *bunda* com *rabil* (*rabo* + *-il*).

*Bundaril* e *bundilim* parecem referir-se a tamanho e forma da bunda.

*Bundaril*: bunda + (r) + -il é formada por derivação sufixal. Passa a idéia de exuberância e também de quantidade, conjunto.

*Bundilim* pode ter dois sufixos: *-il* e *-im* (*-inho*). Os fonemas /i/ são responsáveis por transmitir a idéia de tamanho menor.

A formação *bunditálix*, pode ser interpretada como uma composição, havendo a junção de *bunda* e *itália* com a presença do sufixo *-ix*.

No único adjetivo criado no poema há referência ao *girabundo* cósmico. Há uma analogia com a palavra *giramundo* e também com a palavra *vagabundo*, de *vagamundo*. A *bunda* também está presente em todo o girar do cosmos.

## Conclusão

As criações lexicais estilísticas surgem com um objetivo específico, ganham vida em um momento exclusivo e dificilmente chegarão a fazer parte do dicionário de língua. Aparecem porque na expressão literária a fantasia verbal para a criação é mais livre, por isso são utilizadas principalmente por escritores.

Pode-se dizer, então, que os neologismos estilísticos criados por Carlos Drummond de Andrade em seus poemas eróticos trazem ao texto um efeito especial porque fogem do uso comum da língua e ganham vida em um momento exclusivo.

Segundo Câmara Jr. (1985, p.63), as criações lexicais “mostram, não obstante, quão fundo, na linguagem, penetra a atividade estilística e como os impulsos da manifestação e do apelo podem insinuar-se até nesse âmbito da consubstanciação linguística dos conceitos, em que pela intuição intelectual se plasma o léxico da língua”.

Analisando-se essas criações lexicais, percebe-se que o espírito do poeta-criador, presente em toda a sua obra, manifesta-se, também, de forma original, na sua poesia erótica. O poeta da palavra conhece seus segredos, brinca com elas e, de forma lúdica, vai criando os efeitos de sentido que pretende atingir.

Drummond constrói vocábulos por prefixação e sufixação de forma original. Mas a força expressiva de seus compostos por justaposição e por aglutinação deve-se ao poder que tem o poeta de fazer da concisão seu ideal estilístico. Buscando a precisão, o poeta sintetiza, na formação do composto, suas ideias, atingindo a perfeita harmonia entre a forma e o sentido.

Manipulando o código linguístico e criando novas unidades lexicais por ter necessidade delas, já que, muitas vezes, não encontra no léxico da língua um vocábulo capaz de exprimir, segundo Teles (1994, p.236), “a síntese original da intuição criadora”, Carlos Drummond de Andrade, em seus poemas eróticos, faz com que se compreenda como as unidades lexicais atualizadas discursivamente atendem às necessidades expressivas e à intenção do enunciador, mostrando sua visão de mundo

## Referências bibliográficas

ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BARBOSA, Rita de Cássia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1987.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

CAMPOS, Haroldo de. Drummond, mestre de coisas. In: *Metalinguagem & Outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CRESSOT, Marcel. *Le style et ses techniques*. Paris: PUF, 1976.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

PRETI, Dino. *A linguagem proibida*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1984.

SANTANA, Affonso Romano de. O erotismo nos deixa gauche? In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

TELES, Gilberto de Mendonça. *Drummond, a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.